

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae. Zürich und München, Artemis Verlag, 1986, III.1, Atherion — Eros. XXX + 1086 pp. III.2, Tafeln. 826 pp.

Maria Helena da Rocha Pereira
Universidade de Coimbra

Um dos exemplos mais reconfortantes de uma ciência sem fronteiras, de um entusiasmo na organização sem desfalecimentos e ainda da vitalidade e universalidade dos Estudos Clássicos é a publicação, de dois em dois anos, de um volume duplo (um de texto, outro de ilustrações) do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*.

Editado pela Fundação do mesmo nome, sob a presidência, primeiro, de Nikolaos Yalouris, depois de Jean Pouilloux, e, desde há pouco, também pelo J. Paul Getty Trust, de Los Angeles, recebe subsídios financeiros de Academias das Ciências ou Conselhos de Investigação de numerosas cidades de países europeus (Heidelberg, Viena, Bruxelas, Sófia, Madrid, Paris, Londres, Atenas, Roma, Varsóvia, Berna, Basileia), africanos (Argel, Túnis), asiáticos (Amã), americanos (Ottawa, Washington, New Brunswick), australianos (Canberra). Na comissão redatora figuram, entre outros, alguns dos maiores nomes contemporâneos da arqueologia e da história da arte antiga, como E. Berger, J. Boardman, Erika Simon. Merece uma menção à parte a secretária geral do empreendimento e seu *primum movens*, Mme. Lilly Kahil, a forte personalidade capaz de polarizar, graças ao seu saber, cordialidade e eficiência, os esforços de países tão díspares.

O LIMC dispõe de um Conselho Científico Internacional formado por representantes de 35 países, de todos os continentes. Entre esses, deve registrar-se a presença do Brasil, através da conhecida arqueóloga Haiganuch Sarian, de São Paulo. A entrada de Portugal, em 1985, para este Conselho, é assinalada com apreço, precisamente neste tomo.

O *Lexicon* estabeleceu um esquema geral para o tratamento de cada figura mitológica, que compreende a análise do nome, fontes literárias e bibliografia; um catálogo das suas representações em

esculturas, vasos, gemas, moedas, mosaicos, pinturas, iluminuras; um comentário. Deste modo se garante uma certa uniformidade no tratamento dos temas. As línguas utilizadas são o alemão, inglês, francês e italiano.

Uma das grandes novidades desta publicação, em relação às congêneres anteriores, é o alargamento dos espaços geográficos e culturais considerados. Assim, existe, sempre que é caso disso, uma referência aos precedentes micênicos; entre a parte grega e a latina, a secção etrusca; e ainda o que se pôde apurar sobre imagens *in periphèria orientali* ou *in periphèria occidentali*, ou seja, nas terras romanizadas do Próximo Oriente da bacia ocidental do Mediterrâneo (por isso não falta o Endovélico dos Lusitanos). Além disso, apresenta-se a documentação existente em partes do mundo que anteriormente não pertenciam à rota do arqueólogo clássico. É o que sucede com *Eros*, para o qual se refere, entre muitos outros, um vaso grego no Japão e outro em São Paulo.

Precisamente este artigo é um dos mais extensos deste volume (ao qual não coube em sorte uma verdadeira constelação de deuses maiores, como sucedeu com o anterior). Com mais de cem páginas, é assinado por Antoine Hermary, Hélène Cassimatis, Rainer Vollkommer, para a parte grega, por Christian Augé e Pascale Linant de Bellefonds, para a *periphèria orientalis*, e por Nicole Blanc e Françoise Gury, para a romana (tendo ficado a etrusca de remissa para o volume IV), dá, só para a parte helênica, 1020 obras de arte, em enumeração que não é considerada exaustiva. O catálogo é estabelecido com extrema minúcia, ao ponto de abrir rubricas como estas: “Eros en vol”, “Eros debout”, “Eros accroupi”, “Eros assis”. Toda a seriação tem os seus inconvenientes. No caso vertente, um tipo bem determinado, como o *Eros effeminatus*, ficou repartido por várias alíneas, sem chegar nunca a ser definido. Exemplo da sua presença é a *pelike* apúlia 588 b (e não 588 c, como, por lapso, figura no volume das estampas), cuja semelhança com uma *pelike* de uma coleção particular de Lisboa, que publicamos em *Greek Vases in Portugal* (Coimbra, 1962), sob o n.º 42, é manifesta.

Outro artigo que é uma verdadeira monografia — e aqui trata-se mesmo de um dos deuses maiores — é *Dionysos*, da responsabilidade de Carlo Gasparri e Alina Veneri, na parte grega, de Chistian Augé e Pascale Linant de Bellegonds para a *periphéria orientalis* (que abrange exemplos da Índia, Síria, Egípto), da etrusca, por Mauro Cristofani, e da romana, por Carlo Gasparri. De notar, à passagem, que, neste mesmo ano de 1986, foi publicado em Oxford o importante estudo de Thomas H. Carpenter, *Dionysiac Imagery in Archaic Greek Art*, que, evidentemente, não pôde ser utilizado. Particularmente útil neste verbete é a seção “Dioniso nel mondo del teatro e dello spettacolo”.

Outro artigo monográfico de relevo é o de Haiganuch Sarian, sobre *Erinys*. A Autora não se esquece de registrar a presença do nome em tabuinhas micênicas e de fazer um bom aproveitamento das partes descritivas das terríveis divindades nas *Eumênides* de Êsquilo. Nas referências homéricas, seria de juntar às muitas que menciona a de *Iliada* 19.87, onde a Erínia não é vingadora (embora tenha o mesmo epíteto de 9.571, que cita adiante), e as ainda enigmáticas ocorrências do nome no Papiro de Derveni. A complexa iconografia destas deusas é minuciosamente interpretada, com grande precisão, e sistematizada no comentário. Nada menos de 119 exemplos gregos, etruscos e romanos enriquecem este estudo.

De grande interesse também o artigo sobre *Atlas*, por Beatriz de Griño e Ricardo Olmos, quanto à introdução, fontes literárias, bibliografia, Atlas e Atlantes gregos e etruscos; e por Javier de Arce e Luís J. Balsameda para Atlas e Atlantes helenísticos e romanos. Parece-nos curiosa a hipótese de o rochedo, no qual o misterioso jovem, na *hydria* Palmella e noutros vasos similares, apóia o pé, representar o monte Atlas. Continuamos, no entanto, a duvidar que seja Perseu esse herói, e a admitir que se trate de Héracles, não obstante a ausência dos seus atributos habituais.

Outros artigos de menores dimensões não deixam de ser modelares, como, aliás, era de esperar dos nomes que os assinam, como o de *Delphos*, por Erika Simon, *Diomedes*, por J. Boardman e C. E. Vafopoulou-Richardson, *Echo*, por Jan Bazant et Erika Simon; e ainda *Biton et Kleobis*, por P. E. Arias, que registre-se de passagem,

menciona a tese de Vatin quanto à identificação dos *kouroi* de Delfos, sem tomar posição (ao passo que no artigo *Dioskouroi*, Antoine Hermary nega que eles representem os jovens Argivos). Refira-se ainda *Eileithyia*, por R. Olmos, que analisa com argúcia uma figura iconograficamente mal definida.

Uma característica deste *Lexikon* é o lugar que confere às personificações, fornecendo assim dados preciosos também ao historiador da cultura: *Demokratia*, *Demos*, *Dikaiosyne*, *Eirene* (este último, assinado por Erika Simon, descreve e discute a complexa questão da data da famosa estátua de Cefisódoto) e ainda *Ekecheiria* e *Ekklesia* são disso exemplos.

Esta breve apreciação dará idéia da riqueza e utilidade de uma obra que não pode mais faltar numa boa biblioteca.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica*. São Paulo, Duas Cidades, 1988.

Maria Magaly Trindade Gonçalves
Zélia Maria Thomaz de Aquino
Zina Bellodi Silva

Universidade Estadual Paulista

O livro de D. T. significa, especialmente, uma tomada de posição declarada diante de um tema proposto — examinar a Retórica como algo que, como nunca, está viva hoje, apesar de algumas correntes contemporâneas, para se proclamarem novas, mascararem sua ligação com ela.

O A. faz isso sem forçar nenhuma explicação, porque está fundamentado numa teoria que conhece profundamente e da qual tem uma das visões mais lúcidas e concisas em nosso tempo.

O notável caráter didático do texto não é conseguido às custas da profundidade. Inicia com o conceito de *retórica*, definindo também o de oratória e eloquência por serem fundamentais ao assunto.

Na primeira parte, dedicada à Retórica Antiga, conceitua termos fundamentais como *discurso*, *dialética*, *retórica*; define gêneros de discurso, suas partes, sobre o que se alicerça a Retórica Antiga.